

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR  
DE ESTUDO E PESQUISA DO  
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ANO XVIII  
VOLUME 26  
(ABR-JUN)  
2017  
PP. 7-32.

## INTOLERÂNCIA OU *CONVIVENCIA*? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO

Guilherme Antunes Júnior  
Doutor em História Comparada / UFRJ / PPGHC  
Pesquisador do Programa de Estudos Medievais / UFRJ  
guiantunesjr@yahoo.com.br

### RESUMO

As *Cantigas de Santa Maria* foram produzidas sob a direção de Alfonso X, conhecido com a alcunha de Rei-Sábio, entre cerca dos anos de 1265 a 1284. A cantiga 167 foi dedicada ao santuário de Santa Maria de Salas e narra a história de uma mulher muçulmana (*mora*) de Borja, Zaragoza, que perdeu o filho após uma grave doença. A mulher decide ir à igreja de Salas e pedir à Virgem Maria que ressuscite seu filho. Após o milagre de reavivamento da criança, a mulher se converte ao cristianismo. A partir do conceito histórico de *convivencia* e das teorias de gênero, analisarei comparativamente o texto poético e as imagens dessa cantiga, considerando os discursos relacionados à mulher muçulmana (*mudéjar*) e as complexas relações entre grupos culturais que dialogavam no século XIII em Castela.

**Palavras-chave:** Alfonso X; gênero; mouros.

### ABSTRACT

The *Cantigas de Santa Maria* was produced under the direction of Alfonso X, known by King-Learned, about the years 1265-1284. The *cantiga* 167 was dedicating to the Santa Maria de Sala's sanctuary and describes the story of a Muslim woman (*mora*) from Borja, Zaragoza, Spain, who lost her son after a serious illness. The Muslim woman decides go to the Sala's church and require to the Virgen Mary resurrects the son. From the historical concept of *convivencia* and gender theories, I will analyze comparatively the poetic text and the images in that cantiga, considering the speeches related to the Muslim woman (*mudéjar*) and the complex relationships between cultural groups that dialogued in the thirteenth century in Castile.

**Keywords:** Alfonso X; gender; Muslims.

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

### INTRODUÇÃO

As *Cantigas de Santa Maria* (CSM) possuem uma variedade de temas que abordam aspectos cotidianos do Reino de Castela, da Península Ibérica e outros territórios europeus. Trata-se de uma obra “monumental,” pela extensão textual e pictórica. São 44 *cantigas profanas* e 426 *religiosas*. Há, ainda, uma *cantiga de amigo*, de autoria controvertida, (CBN, 342), 4 de *amor* (CBN, 468-741) e 39 de *escarnho e mal-dizer* (FILGUEIRA VALVERDE, 1986, p. XXXV). A terminologia “*Cantiga de Santa Maria*”, possivelmente, é proveniente da deliberação de bibliotecários de Felipe II d’ Espanha, durante a encadernação dos códices no Real Monastério de El Escorial, no século XVI, para identificação dos volumes (MONTROYA, 1988, p. 20). Além dos poemas, há cerca de 2800 imagens. Há quatro manuscritos preservados das *Cantigas de Santa Maria* (CSM) datados, provavelmente, do final século XIII, sendo o códice *F* terminado no início do XIV. Eles estão nomeados como códice j. b. 2 (*E*), da Biblioteca El Escorial; T. j. I (*T*),

também da El Escorial; o códice de Toledo (*To*), hoje na Biblioteca Nacional de Madrid, e o manuscrito da Biblioteca Nazionale de Florença (*F*).

Sobre as temáticas que envolvem as minorias nas CSM, há trinta que tratam dos chamados *mudéjares* e treze que mencionam os judeus.<sup>i</sup> A cantiga 167 é nomeada como *Esta é como ãa moura levou séu fillo mórto a Santa María de Salas, e ressucitou-llo*. A história se passa, em parte, no santuário de Santa Maria de Salas. A igreja de Salas está localizada atualmente na província homônima de Huesca, na Comunidad Autónoma de Aragón, Espanha. A fundação da igreja data do século XII. A cantiga 167 narra a história de uma mulher muçulmana (*mora*) de Borja, Zaragoza, que perde o filho após uma grave doença, porém não se especifica qual enfermidade ataca a criança. A mulher decide ir à igreja de Salas em peregrinação e pedir a Maria ressuscite seu filho, contrariando parte da comunidade muçulmana, chamada de *mouraria*. Após o milagre de ressuscitação da criança, a mulher se converte ao cristianismo junto com o filho.

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

A situação das minorias religiosas na Península Ibérica no século XIII, frente à maioria cristã, era variada, complexa e relacionada àquilo que se chama genericamente de Reconquista.<sup>ii</sup> De qualquer forma, a Península conviveu com elementos culturais oriundos de grupos pertencentes às outras duas religiões não cristãs, ou seja, muçulmanos (*mudéjares*) e judeus (*sefardí*) desde o século VIII.<sup>iii</sup> Considerava-se como *mudéjar* tanto o muçulmano que vivia em territórios dominados por cristãos, quanto o “... fenómeno cultural de influencia arabo-islâmica, desarrollado en diversas zonas de los reinos cristianos (perceptible sobre todo en la arquitectura), resultado del injerto de elementos arabo-musulmanes en una sociedad cristiano-feudal (FLORENCIA MENDIZÁBAL, 2009. p. 87).” A cantiga 167 indica que a mulher vivia na fronteira religiosa entre a cultura *mudéjar* e cristã, optando pela conversão voluntária ao cristianismo, como dissemos.

Historicamente, a cantiga 167 tem como contexto a região de Zaragoza que foi conquistada em 1118 por Alfonso I de Aragón, conhecido por *el Batallador*, em meio a uma

confusa situação política, visto que o governador almorávida, Ibn Tifilwit, emir de Zaragoza, havia morrido no ano anterior, dificultando os acordos para a sua sucessão real (UTRILLA UTRILLA, 2007, p. 113). No século XIII, ainda sob domínio aragonês, a região de Zaragoza assistiu a um processo de conversão de muçulmanos ao cristianismo. Mesmo não sabendo quantos foram convertidos ao certo, no mais, o Concílio de Lérida de 1243 autorizou que bispos, arcebispos e freis mendicantes pregarem para judeus e muçulmanos, obrigando-os a ouvir as pregações, mesmo que fosse com o uso da força (HINOJOSA MONTALVO, 2009, p. 97). Jaime I, que presidiu o Sínodo de Tarragona em 1235, em que judeus foram proibidos de se converterem ao islamismo e, concomitantemente, muçulmanos também foram vetados a se converterem ao judaísmo (CORTES DE CATALUÑA, 1896, p. 126). A pena para quem desobedecesse era a perda da “*persona*”, isto é, da condição original étnico-religiosa. Tratava-se de uma estratégia para se evitar casamentos mistos inter-religiosos.

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

Ainda no século XIII, as relações entre o Reino de Leão e Castela e o território islâmico do Al-Andaluz foram sendo construídas a partir de múltiplas matizes políticas. Fernando III (1199 ou 1201 –1252), por exemplo, estabeleceu alianças com o rei muçulmano da cidade de Baeza, ‘Abd Allah, contra o califado dos almóadas em 1224. O resultado foi a conquista de amplos territórios por ‘Abd Allah, como o em torno de Jaén, as imediações de Sevilha e, finalmente, Córdoba. Em troca, Fernando III submeteu os muçulmanos em termos vassálicos, além do controle, como contrapartida, de regiões em volta do rio Guadalquivir (GARCÍA FITZ, 2004, p. 231-232). Entre 1245 e 1246, o cerco que o rei de Leão e Castela promoveu sobre Jaén, forçou o rei *nasrí* de Toledo, Muhammed I Ibn al-Ahmar, a se converter a vassalo de Fernando III, cumprindo obrigações claras dos acordos feudo-vassálicos clássicos de *auxilium* e *consilium* (GARCÍA FITZ, 2004, p. 233). Com Alfonso X, entre sua subida ao trono, em 1252, e 1246, as relações entre o reino muçulmano de Granada foram contratuais e tributárias, sendo que Muhammad I

continuava como vassalo de Leão e Castela (GARCÍA FITZ, 2004-2005, p. 41).

Os acordos entre os reinos de Granada, islâmico, e de Leão e Castela, cristão, sofreu profundo abalo com a revolta *mudéjar* de 1264, o que fez com que Alfonso X revertesse suas posições políticas diante do rei *nasrí*. Diante de uma recusa da entrega dos portos de Algeciras e de Tarifa, o sultão Muhammad I fomentou uma rebelião em Andaluzia e em Murcia, ao mesmo tempo em que invadiu os territórios castelhanos. Em 1267, com o apoio de Jaime I de Aragão, sogro de Alfonso X, o rei de Castela conseguiu capitular o reino de Granada que passava a ser um estado tributado por Castela (GARCÍA FITZ, 2004-2005, p. 58). Em 1272, após outra revolta granadina, dessa vez com apoio de nobres castelãs, a guerra voltou a estourar, sendo que nenhuma das partes tinha condições políticas e militares para o prolongamento do conflito, chegando, finalmente, a um acordo em 1273, e Muhammad II, herdeiro real do sultão de Granada, rompeu com os nobres rebelados e “... entregó todo el dinero

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

que se le exigía y otorgó a Alfonso X “ser siempre su vassalo” y pagarle en adelante parias por un valor de trescientos mil maravedíes anuales (GARCÍA FITZ, 2004-2005, p. 65). Todas essas tensões, sem mencionar os conflitos entre as mesmas forças entre os anos de 1273 e 1275, foram sendo de alguma forma inseridas, de maneira fragmentada e sinuosa, nas obras alfonsinas, em especial as *Cantigas de Santa Maria*.

Assim, a necessidade de se construir uma política de coexistência, tolerância ou assimilação, foi necessária frente às diferenças étnicas, culturais e sociais no século XIII, envolvendo Castela e Al-Andaluz e outros reinos cristãos e muçulmanos. Claro que não se pode idealizar a “Espanha das três culturas”, isto é, a abordagem ahistórica sobre a convivência coerente ibérica medieval. Mesmo este termo, segundo Thomas F. Glick, *convivencia*, foi utilizado pela primeira vez por Américo Castro como um conceito que compreendia as relações étnico-sociais baseadas na autoconsciência coletiva de cada casta (GLICK et. alii, 1992, p. 1-3). Glick considera, criticando Castro, que a *convivencia*

sugere, antes de tudo, conflito entre os grupos culturais em disputa, porém, tanto os cristãos quanto o Al-Andaluz (e outros reinos árabes menores), desejavam isolar religiosamente um ao outro, mas evitaram a separação econômica, permanecendo as relações de troca em mercados, feiras, *scriptorium*, etc., além do intercâmbio científico, técnico e cultural (GLICK et. alii, 1992, p. 5).

Nas CSM vale lembrar que há diferentes discursos a respeito das minorias, *mudéjares* e judeus, e que o conceito de *convivencia* não exclui o de intolerância, visto que há ao mesmo tempo construções de alteridade negativas e positivas no conjunto das cantigas ou mesmo em alguma em particular. Disalvo, por exemplo, sublinha que os aspectos negativos sobre mouros e judeus não evocam toda comunidade ou sistema religioso daquelas minorias, mas enfatizava a ação humana, a deliberação livre de se praticar um determinado delito, seja a pessoa moura ou judia: “... cada cantiga es un espacio donde se despliega la admiración y la respuesta libre del individuo frente al milagro que acontece inesperadamente”

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

(DISALVO, 2007, p. 28). Por isso, a necessidade de se refletir sobre aspectos particulares de cada cantiga, visto que podem carregar elementos discordantes e não lineares.

Em relação à cantiga 167, proponho verificar analiticamente de que maneira a intolerância pode estar contida nos discursos sobre a mulher muçulmana, personagem do relato, por meio das construções sobre gênero e alteridade. Para tanto, as reflexões sobre gênero de Joan Scott indicam que discurso e poder são duas preposições que se conectam e são interdependentes no processo de gendrificação do outro, sendo: “... (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) e gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Partindo do conceito poder de Michel Foucault, Scott aborda o gênero como categoria intercambiável, relacional e assimétrico, sugerindo que as relações são históricas e, portanto, contextuais.<sup>iv</sup>

A fonte histórica que utilizo é conhecida como *códice historiado* e se encontra na Real Biblioteca del Monasterio de

San Lorenzo de El Escorial, (Códice Rico, Ms. T-I-1), além da edição elaborada em três volumes, e de um glossário, por Walter Mettmann, a pedido da editora Universitatis Conimbrigensis, em 1959 e terminada em 1972.

### ANÁLISE TEXTUAL

As CSM geralmente se iniciam com um prólogo, uma espécie de prefácio, usado em seguida como refrão intercalando parágrafos, que intencionam introduzir ao ouvinte (ou leitor) o tema que se transcorrerá. O estribilho da cantiga 167 indica que há uma diferenciação entre cristãos e *mudéjares*. O narrador ao afirmar que Maria diferencia os “seus”, introduz a ideia de divisão e alteridade:

Quen quér que na Virgen fía | e a róga de femença,  
valer-ll-á, pero que seja | d' outra lee en creença.<sup>v</sup>

O texto busca diferenciar os personagens quanto a suas crenças, pois, “Ela há de valorizar mesmo que seja de outra

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

crença.” De início, há uma ideia de benevolência e tolerância por parte de Maria, aparentemente. Isso porque a história se passa em uma comunidade em que há diversidade cultural, Borja, Zaragoza. Isso demonstra que os elaboradores das CSM não ficaram indiferentes a temas como a etnia, religiosidades não cristãs, presença de minorias, etc., mas deixando claro que se trata de uma benignidade de Maria com pessoas de outra “lei em crença,” “lee en crença,” atestando a consciência da divisão e diferenças religiosas. Vemos que o princípio de convivencia é empregado aqui de maneira indireta, baseando-se em um assentimento, um salvo-conduto, fundamento na piedade.

Para corroborar com os discursos alfonsinos sobre minorias nas CSM, percebe-se que a obra normativa conhecida como *Siete Partidas*, Alfonso X elabora uma acepção aos chamados mouros (*moros*). O título 24, da Partida VII, procura caracterizar o muçulmano a partir da perspectiva da crença messiânica: “Mouros são uma espécie de gente que crê que Maomé foi profeta e mandatário de Deus: e porque as obras e

porque os feitos que ele fez não se mostram de grande santidade, porque a tão santo estado pudesse chegar, por a sua lei como objeção a Deus.”<sup>vi</sup> Há um certo desprezo pela figura maior do islamismo por parte da legislação alfonsina, porém, a Partida VII não ignora a existência dos muçulmanos, sua religião e as formas de organização em suas comunidades. Mas para essa definição de *moros*, no entanto, as *Siete Partidas* não assimilam positivamente os muçulmanos e nem os diferencia em sua diversidade, pois, havia grupos variados dentro e fora da Península Ibérica. Há uma generalidade em se classificar o outro em um bloco compacto e uniforme.

Voltando às CSM, no primeiro quarteto, o narrador localiza mulher, mas não a nomeia, preferindo apenas qualificá-la por sua etnia e religião. O fato da mulher não possuir um nome próprio, despersonaliza-a e adjetiva-a como “moura de Borja,” sendo o lugar o elemento de identificação geográfica, não de sujeito:

Desta razôn fez miragre | Santa María, fremoso,  
de Salas, por ùa moura | de Borja, e piadoso,

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

ca un fillo que avía, | que criava, mui viçoso,  
lle morrera mui coitado | dũa mui fôrte doença.<sup>vii</sup>

Segundo Colin Smith, as CSM não desconsideravam a presença de outros grupos culturais, como já dito, pelo contrário, partia-se da premissa do imperativo de inter-relações entre judeus, cristãos e muçulmanos. Ainda sim, a religião era um ponto nevrálgico, sendo a divisão incontornável: “*Convivencia*” em um plano diário era inevitável e muitas vezes útil (uma vez que os mouros trabalhavam duro e tinham muito a ensinar), mas a divisão religiosa era absoluta e Alfonso teria fracassado no seu dever se ele tivesse tentado fingir o contrário.”<sup>viii</sup> Isso quer dizer que havia o reconhecimento da existência, mas a incomplacência com a religião do outro era um fator que gerava desconfianças e conflitos. Outro ponto que é colocado como estratégico, na primeira estrofe da cantiga 167, é o destaque ao santuário de Santa Maria de Salas como um lugar que promove milagres em benefício de uma mulher não cristã.

Acredito que informações sobre a mulher não são a preocupação central do poema e isso não interfere no núcleo do milagre. O fato dela possuir um filho, portanto um provável converso no futuro, indicava que as qualidades da criança é que importam, pois ele é destacado como um filho vigoroso, viripotente, “... fillo que avía, que criava, mui viçoso,” portanto, útil para o trabalho e para servir ao Reino. O narrador considera, ao meu ver, que a característica positiva do filho, o vigor, é um pressuposto importante para justificar a bondade de Santa Maria ao intervir pela mulher moura. A morte do menino por uma forte doença, “... mui fôrte doença,” interrompe os planos de uma possível conversão da criança, além de sustar a existência de um homem sadio na comunidade cristã.

Outra justificativa para intervenção mariana é o destaque à dedicação materna daquela mulher muçulmana, o que era visto como positivo por parte do narrador:

Ela, con coita do fillo, | que fezésse non sabía,  
e viu como as crischãas | ían a Santa María



## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

de Salas, e dos miragres | oiú que ela fazia,  
e de fiar-se na Virgen | fillou mui grand' atrevença;<sup>ix</sup>

O texto denota um termo útil para refletirmos sobre os papéis sociais em uma sociedade baseada na *convivencia*, o de docilidade das minorias, para que o princípio da coexistência possa ser mantido e negociado a todo o momento.<sup>x</sup> Nota-se que a muçulmana sofria pelo filho morto, “... con coita do fillo”, o que implica em uma forma de pensar a maternização de acordo com princípios de sofrimento. Essa ênfase ao sofrimento pode ser entendida como um discurso sobre a mulher e seus papéis como mãe.

Além disso, a moura observava as outras mulheres cristãs, vendo que elas iam a Santa Maria de Salas fazer oferendas, e ouviu que lá aconteciam milagres, “... e viu como as crischãas ían a Santa María.” Presume-se que o narrador intenciona demonstrar que a mulher muçulmana apresentada nessa cantiga, além de dócil, aceitava a presença de cristãos, mas destaca que ela teve muita ousadia, “... fillou mui grand'

atrevença”, ao admirar outras mulheres cristãs que confiavam nos milagres marianos. Esse destemor poderia representar um perigo eminente diante da comunidade muçulmana, ou *mouraria*, por significar apostasia, além de ser um contraste entre a “bondade” de Maria e a desconfiança dos mouros.

A narrativa continua com a mesma ideia de docilidade da mulher moura, o que se pode traduzir como obediência e resignação à dominação e controle de cristãos sobre territórios ocupados que antes pertenceram a governos de *tai'fas*.

E comendou-ll' o menino | e guisou sa oferenda.  
Mais las mouras sobr' aquesto | lle davan mui gran contenda;  
mais ela lles diss': “Amigas, | se Déus me de mal defenda,  
a mia esperança creo | que vóssa perfia vença.

Ca éu levarei méu fillo | a Salas desta vegada  
con sa omagen de cera, | que ja lle tenno comprada,  
e velarei na eigreja | da mui benaventurada  
Santa María, e tenno | que de mia coita se sença.”<sup>xi</sup>

A oferenda será o objeto de barganha para que Maria ressuscite a criança, “E comendou-ll' o menino e guisou sa oferenda,” sendo um boneco de cera, deixando claro que a

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

ritualização das práticas funerárias envolvia uma negociação em que se ofertava objetos em troca de milagre. Nota-se, como continuidade dos argumentos anteriores sobre a vigilância dos pares sobre a fé islâmica, que há um descontentamento por parte das outras mulheres muçulmanas, pois, a mãe deseja lançar mão de costumes cristãos para alcançar seus objetivos, “... Mais las moursas sobr' aquesto lle davan mui gran contenda.” Para Ana Benito de Pedro, o processo de conversão da mulher moura começa exatamente no momento em que ela sede às práticas cristãs, adotando ritos e simbolismos da religião dominadora (BENITO DE PEDRO, 2009, p. 93).

O narrador, então, abre um espaço para a “voz” da mulher, demonstrando que ela buscou o diálogo e o convencimento sobre as capacidades milagrosas de Maria para com seus pares. Didaticamente, a muçulmana argumenta que levará o menino a Salas para que Maria intervenha na morte da criança, pois tinha esperança na ressuscitação, “... a mia esperança creo.” Essa expectativa poderia ser também vista como uma abertura para a fé cristã que emergia e que agora a

moura tentava exortar as demais. Ana Benito de Pedro lembra que nas *Siete Partidas* menciona-se que a conversão deve ser acompanhada de gestos dóceis e com boas palavras (BENITO DE PEDRO, 2009, p. 95), como expressa a Partida VII, título 25, Ley 2: “Por boas palavras e convencíveis pregações, cristãos devem trabalhar para converter os mouros, para fazê-los acreditar em nossa fé e levá-los para ela, e não pela força ou coerção, pois se fosse vontade de nosso Deus de conduzi-los a ela ou ter que acreditar pela força, Ele os forçaria ...”<sup>xii</sup> Por isso, a moura busca a interlocução com as outras mulheres, mesmo que elas tenham reprimido o seu procedimento. Em seguida, a moura exalta a figura de Santa Maria, como bem-aventurada, “benaventurada”, implicando em uma aceitação ao cristianismo e, ainda, ao culto mariano.

Entendemos que essa característica da maternidade é genderificada como discurso e é tratada na narrativa textual como uma condição “pública”, no sentido de ser visível a todos, demonstrando que ser mãe era uma obrigação social e vigiada pela comunidade. E por esse supervisionamento das

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

outras mulheres, a moura tem que explicar o porquê de ela se dirigir a Salas. Além do mais, a situação de angústia narrada faz parte de um olhar sobre o maternal, pois, a moura precisa justificar a conversão por conta de seu sofrimento, “... que de mia coita se sença.” Maria deve sentir pena da mãe que sofre porque perdeu seu filho. Ademais, a peregrinação a Salas é outra forma de marcar esse sofrimento, além de tornar manifesto essa vontade:

E moveu e foi-se lógo, | que non quis tardar nïente,  
e levou séu fillo mórto, | maravillando-s' a gente;  
e pois que chegou a Salas, | diss' aa Virgen: “Se non mente  
ta lee, dá-me méu fillo, | e farei tig' avêença.”<sup>xiii</sup>

Novamente, aparece a ideia de que testemunhas presenciaram a peregrinação da moura a Salas, e que ficaram maravilhadas com o fato, “... maravillando-s' a gente,” o que demonstra, como dissemos, que a condição de mãe nas CSM, como atributo de gênero, constrói sua legitimidade por meio das inter-relações com outros grupos sociais. Além de levar seu filho morto, “... e levou séu fillo morto”, a muçulmana se dirige diretamente à imagem de Santa Maria e promete, na

interpretação de Santiago Disalvo, se reconciliar com a crença cristã: “... la mora pide la resurrección de su hijo, diciéndole a la Virgen que se reconciliará con ella: “e farei tig'avêença” (DISALVO, 2007, p 34). Embora a mulher moura compreenda que a crença mariana pertence a outra lei, “Se non mente ta lee...,” ela coparticipa da ritualização inerente ao universo cristão, principalmente em relação à adoração de imagens sagras.

O princípio da coexistência permitia o trânsito de judeus ou muçulmanos em territórios cristãos e, mesmo em uma igreja, poderia não haver restrições legais. Salvador Martínez argumenta que a tolerância a muçulmanos e judeus em territórios cristãos partia do princípio de que era extremamente difícil acabar com uma cultura que possuía vínculos seculares com a Península Ibérica. Além do mais, a dependência econômica em áreas recém-conquistadas era enorme, pois, essas minorias eram indispensáveis para vassalagem (*parias*) e para o cultivo e administração de grandes extensões de terra (SALVADOR MARTÍNEZ, 2006,

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

p. 126-127). Havia, portanto, uma intrincada política de *convivencia*, mas que não necessariamente exclui a discriminação, embora a circulação entre os territórios fosse objeto de tentativas legislativas, como na Partida VII, título 25, Ley 1: “E dizemos que devem viver os mouros entre os cristãos daquela mesma maneira que dissemos no título anterior antes deste, o que devem fazer os judeus: guardando sua lei e não admoestaram a nossa.”<sup>xiv</sup> Essa passagem do *corpus* jurídico alfonsino corresponde bem à cantiga que analisamos, pois, além do respeito à igreja de Salas, a muçulmana demonstra devoção à Maria, em franco sinal de conversão:

Ûa noite tod' enteira | velou assí a mesquinna;  
mas, que fez Santa María, | a piadosa Reínna?  
ressucitou-lle séu fillo, | e esto foi muit' aginna;  
ca a sa mui gran vertude | passa per toda sabença.<sup>xv</sup>

O narrador novamente destaca que a mulher moura sofria, estava em desgraça, “mesquinna”, durante a vigília do corpo do filho. O sofrimento parece uma condição que a mãe

deve expressar para que tenha seus pedidos atendidos pelos milagres marianos, como nas demais cantigas. As virtudes de Maria para com as mães dependem da exteriorização da aflição. E para demonstrar a superioridade dos cristãos e reforçar os papéis simbólicos sobre os muçulmanos, o texto usa o termo rainha, “Reínna”, para transmitir uma ideia de hierarquia e divisão dos papéis sociais.

A ressuscitação ocorre e uma expressão é utilizada: a de que Maria é maior que toda sabedoria, “... passa per toda sabença.” Seria um exemplo de tolerância? Ou de reconhecimento dos *mudéjares* como grupo que contribuiu com a sua cultura secular? Salvador Martínez lembra que Alfonso X fundou em 1254 um *studium* de latim e árabe em Sevilha, além de contar com especialistas árabes e judeus em Toledo. Acrescenta-se que o rei de Castela e Leão conviveu com sábios muçulmanos desde pequeno e continuou com essa política de coexistência em sua corte, mas não significa que há discursos implícitos de discordância quanto à crença do outro (SALVADOR MARTÍNEZ, 2006, p. 205-206). O que a

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

cantiga tenta demonstrar é que a figura de Maria é maior, no sentido de poder simbólico, do que a notória colaboração árabe ou *mudéjar*.

Quand' aquesto viu a moura, | ouv' ên maravilla féra,  
ca ja tres días avía | que o fillo mórt' ouvéra;  
e tornou lógo crischãa, | pois viu que llo vivo déra  
Santa María e sempre | a ouv' en gran reverença.<sup>xvi</sup>

O milagre termina com a conversão da mulher moura ao cristianismo “... e tornou lógo crischãa,” o que vai ao encontro da ideia de que os processos de persuasão para que se trocasse de religião eram, por parte das CSM, pacíficos, ou seja, pelo menos no nível do discurso. O milagre passava a ser um instrumento favorável às políticas relativas às minorias, porque tentavam demonstrar que aqueles que seguiram Santa Maria poderiam ser beneficiados com intervenções milagrosas, mesmo direcionadas aos não cristãos. O ocorrido maravilhoso foi em um centro de peregrinação destinado à comunidade

cristã, mas a moura foi uma das favorecidas, mas só depois de alcançar a graça, ela se converteu ao cristianismo.

Percebemos que os discursos a respeito do gênero não escolhem um único grupo religioso. A ressuscitação ocorrida na cantiga 167 por meio de uma negociação, no texto escrito, entre uma mãe moura e Maria, quando a muçulmana prometeu levar um boneco de cera ao santuário de Salas. Mas, como dissemos, a mãe demonstrava fragilidade e dor pelo filho, (“con coita do fillo,” “mia coita se sença,” “mesquinna”), o que era uma maneira de caracterizar sua condição de mulher e de mãe. O papel de Maria nesta cantiga foi ressuscitar a criança quando ela percebe que a moura cumpria seus papéis pacíficos e permissivos em relação às práticas exclusivamente cristãs, como a peregrinação e os rituais fúnebres. Essa fragilidade e obediência foram, em nosso ver, as principais moedas de troca para que Maria devolvesse a criança.

### ANÁLISE DAS IMAGENS E DOS RÓTULOS

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

As imagens nas CSM são miniaturas que constroem outra narrativa, não apenas *sobre* o texto poético, mas também *paralelamente* aos poemas. Isso significa que os miniaturistas buscavam encaixar os poemas em seis ou doze quadros, dependendo da organização do códice. Porém, nem sempre os desenhistas tinham acesso ao à história escrita, obrigando-os a enxertar novos elementos à narrativa. No caso da cantiga 167, observo que, embora novos objetos corram ao lado do texto, renovando-o, a justaposição é predominante. Já em relação aos rótulos, esses textos reduzidos impedem que a imagem tenha plena autonomia, sendo necessário, portanto, um reforço complementar por meio da legenda. Mas se busca, sobretudo, o equilíbrio entre ambos. Como afirma Garcia Cuadrado, (...) “... el lenguaje visual nos ilumina el camino de la narración...” (GARCIA CUADRADO, 1992, p. 230). A narrativa visual nas CSM é polissêmica, como uma janela aberta ao espectador para que ele contemple o objeto narrado (GARCIA CUADRADO, 1992, p. 215).

Na comparação do texto poético às imagens, verifico que as primeiras vinhetas se preocupam com a mãe e com morte da criança, mantendo, portanto, articulações relativamente simétricas ao poema:



*Cantigas de Santa Maria*, imagem 01, vinhetas 1 e 2 (Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, *Códice Rico*, Ms. T-I-1)

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

A primeira miniatura está dividida por quatro colunas formando três vãos à frente das personagens, dando uma ideia de interior aos fatos ocorridos, posicionando o espectador sempre na localização de quem olha de fora para dentro. A divisão em coluna é uma compartimentação da cena, sendo também um recurso do miniaturista para colocar os personagens que merecem mais destaque, segundo a alocação de cada um, isto é, os mais significativos podem ficar no vão central, e os menos significativos nas laterais, dependendo da cena. Assim, a mãe, objeto pictórico mais relevante nesse primeiro momento, está no centro da lacuna com as mãos juntas próximas ao peito e com olhar direcionado para a criança morta em seu leito. O rótulo, que são as sinopses sobre cada uma das imagens, diz que morreu o filho de uma moura de Borja: “Como a una mora de Borja sse le murio um ssu fijo.” O fato curioso é que ela tem os cabelos soltos, o que poderia suscitar a ideia de desespero, desalento, mas também de tempo, isto é, de um ocorrido naquele instante, isso porque a porta está entreaberta, dando a impressão que a mulher

estava reservada em sua casa e as pessoas entraram de repente. As outras mulheres, como é de praxe nas CSM, estão com os cabelos cobertos, o que alude ao fato que estavam na rua e vieram naquele instante.

A presença de muitas mulheres e poucos homens é um traço para refletir sobre o momento da morte da criança. São seis mulheres e dois homens, e ainda, o domínio delas na cena, ocupando a maior parte da imagem, e acrescenta-se que eles estão mais próximos à porta. Não há como perceber se as roupas dos personagens muçulmanos se diferenciavam da dos cristãos. Ao que parece, as roupas são idênticas. Apenas o rótulo, como mencionamos, afirma que se trata de uma moura, mas não se reporta aos demais.

A criança está na posição horizontal, em um leito bem ornado, com travesseiro e colcha cobrindo o corpo. O miniaturista coloriu de uma cor mais escura a roupa da mãe para melhor identificarmos a mulher moura. Ao que parece, esse realce da muçulmana e de seu filho centralizados na iconografia sugere que a preocupação com a saúde da criança

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

era uma condição materna, visto que os homens estão à margem da imagem. As mulheres no entorno do leito mortuário reforçam essa ideia.

Na segunda vinheta nota-se uma discussão entre as mulheres por conta da decisão da muçulmana em encomendar um boneco de cera para o santuário de Nossa Senhora de Salas, como afirma o título encabeçando a vinheta: “Como lo encomendo a la Sseñora de Saalas fecho de cera.” Assim como na narrativa textual, as outras mouras condenam tal resolução, como lembramos no verso 16: “Mais las mouras sobr’ aquesto lle davan mui gran contenda.” O recurso visual utilizado para demonstrar um conflito, ou um desentendimento, coloca a mãe da criança na parte leste e as demais mulheres na posição oposta. Uma delas, que está de frente para a mãe, está com a mão direita espalmada para frente e a outra aponta o dedo para mulher moura, em um claro sinal de desentendimento. A mãe também faz a mesma gesticulação, mas aponta o dedo para imagem de cera que está no canto direito da miniatura. Novamente, a porta semiaberta dá a impressão de que todas

entraram no espaço repentinamente. Duas mulheres estão com a palma da mão estendidas para frente e uma delas está com o dedo em riste.

A representação em cera é realçada na extremidade direita permanecendo sozinha entre as colunas, o que demonstra que o miniaturista queria destacar esse objeto, pois, ele é um dos motivadores para a reprovação das outras mulheres. Não consegui perceber os outros utensílios que estão ao lado do boneco de cera, mas, em princípio, parece que há pelo menos um rolo com uma pequena corda, o que pode sugerir ser para amarrar a tampa do caixão, como está nos desenhos subsequentes, ou a própria cera ainda não trabalhada. O objetivo de criar um espaço específico para imagem de cera é introduzir objetos de caráter cristão e, neste caso, uma oferenda para um santuário. Há, também, o que parece ser o próprio ataúde, em pé, mas não temos certeza.

Na vinheta seguinte, a mãe vai em romaria a Salas:



## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR



*Cantigas de Santa Maria*, imagem 02, vinhetas 3 e 4 (Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, *Códice Rico*, Ms. T-I-1)

Percebe-se que os miniaturistas não tinham contato diretamente com o texto, visto que a criança encerrada no caixão é bem menor daquela que está deitada no leito de morte, evidenciando que não foi comunicado aos desenhistas a idade do menino. Essa hipótese reaparece nas vinhetas seguintes. Além do mais, temos aqui um elemento novo na terceira vinheta: o rótulo afirma que o pai e a mãe levaram o filho morto a Salas: “Como el padre y la madre llevan el fijo

muerto ala.” Trata-se da primeira vez que o pai da criança é se mencionado, pois, no texto escrito essa informação é ignorada. Também, no restante das miniaturas, a figura do pai não é mais reproduzida. Outro ponto é a roupa do pai da criança. Não existem diferenças marcantes entre elas e a dos outros cristãos, ou seja, não há nenhuma marca estigmatizadora para que o observador associe o homem a um muçulmano. Ana Benito de Pedro pergunta se não seria um casamento misto, mas a própria autora lembra que esse tipo de matrimônio era extremamente proibido em Castela do século XIII (BENITO DE PEDRO, 2009, p. 95).

Há a ênfase em uma cultura funerária compartilhada entre os grupos, mas ao mesmo tempo, introduz a figura masculina em um momento específico de saída para o mundo externo às cidades e vilas mais seguras. Em meu entendimento, a vinheta três marca uma transição entre acontecimentos “domésticos”, fechados em um ambiente dominado por mulheres, e o santuário de Salas, e o espaço da floresta, com as árvores, das plantas e a forma como se

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

identificar a passagem entre um lugar e outro, na qual a natureza também é representada como um elemento relevante para revelar essa transferência.

Nota-se que o homem vai conduzindo o animal e segura o caixão. Ele também possui um cajado no ombro, chapéu e capa de chuva. O movimento do burro, com as patas dobradas, denota plasticidade à cena. O caixão está amarrado ao animal. Na vinheta seguinte, a mulher chega a Salas, em uma igreja ornamentada, com dois candelabros (*lámparas*) iluminando o ambiente (GERRERO LOVILLO, 1949, p. 356). A mulher coloca o menino de cera diante da imagem de Santa Maria, como está escrito no rótulo: “Como pusieron el niño de cera delante de la Señora.”

O recurso para dividir a iconografia se mantém. O miniaturista coloca quatro colunas. No canto leste, o altar mariano está isolado, tomando todo o espaço do vão entre uma coluna e outra. A estátua está ricamente ornamentada com vários detalhes em tinta de ouro. No canto Oeste, há quatro homens, sendo que dois deles têm as mãos abertas voltadas

para o peito. No centro a mãe exhibe a oferenda para a imagem de Santa Maria e outra mulher está atrás dela observando.

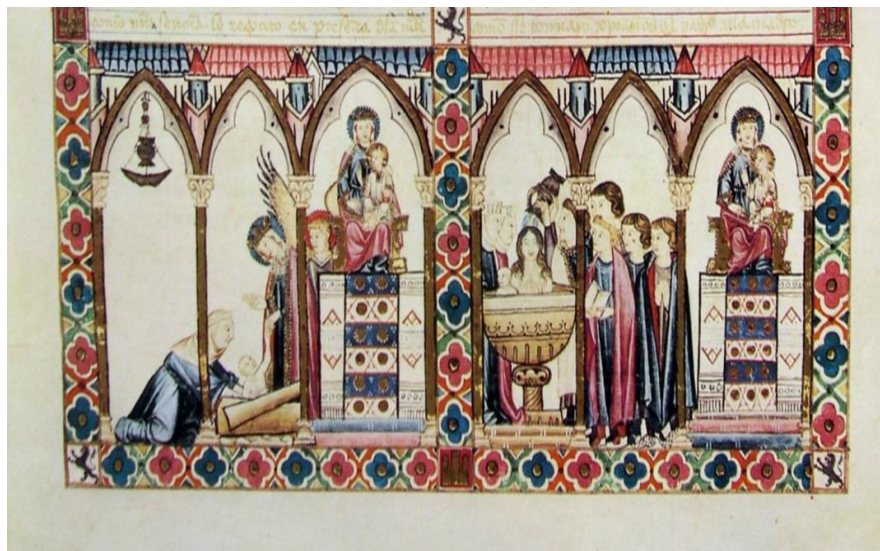
As relações de gênero são assinaladas nessa miniatura por conta das imagens anteriores. Na igreja de Salas a presença de homens em maior número é notória, o que não acontece nas primeiras vinhetas, em que as pessoas estão desenhadas na provável casa de uma mulher muçulmana. A estratégia é vincular o materno ao universo interno da casa, nos cuidados com o filho e no velório quando a criança morre. O número de homens superior ao de mulheres evidencia que era necessário o testemunho do milagre. Mas essa publicização deve ser feita em contextos em que homens religiosos possam atestar o fato maravilhoso.

Santiago Disalvo argumenta que a questão doutrinal, que contrapõe judeus e muçulmanos de um lado e cristãos do outro, é apresentada nas CSM a partir de dois eixos: a encarnação e o culto às imagens.<sup>xvii</sup> Essa confrontação é posta na cantiga 167, especialmente na quarta vinheta, quando a mulher muçulmana aceita a ideia do culto à imagem,

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

legitimando a doutrina cristã relativa a aceitação da representação da Virgem Maria e de Jesus Cristo, fazendo a própria moura um *imago* de seu filho.

Nas vinhetas seguintes, há um claro paralelismo com o texto poético. A criança ressuscita, saindo de seu caixão e a moura se converte:



*Cantigas de Santa Maria*, imagem 03, vinhetas 5 e 6 (Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, *Códice Rico*, Ms. T-I-1)

Maria surge com um anjo e segura a mão da criança, já revivida, olhando-a. A mão direita está gesticulando com dois dedos abertos, indicando que o menino levante. O espectro marial é idêntico ao da estátua no altar. A mãe auxilia a criança a sair do caixão. Lê-se no rótulo que Nossa Senhora o ressuscitou na presença da mãe: “Como Nuestra Señora lo resucito en presencia de la madre.” Vemos uma cena sem a presença de homens. A divisão da imagem em quatro colunas e três vãos coloca os personagens que o miniaturista considera como responsáveis principais na composição da história: Maria, em uma posição mais alta, de pé; a mãe, agachada, abaixo de Maria; e a criança, ressuscitando após o milagre. Eles estão centralizados no vão do meio, enquanto o anjo e a estátua são “espremidos” no lado leste da iconografia. O observador poderia contemplar a imagem tendo em vista que a história chega a um desfecho em que a muçulmana está hierarquicamente posicionada abaixo de Santa Maria, criando a ideia de superioridade cristã.

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

Na última vinheta vemos o ápice da cantiga, paralelamente ao texto poético, em que a mãe se converte ao cristianismo, “e tornou lógo crischãa.” No entanto, o rótulo da sexta vinheta anuncia que pai e mãe tornaram-se cristãos: “Como sse tornaron cristianos el padre y la madre.” Mas, se observarmos a miniatura, o pai não está presente no sacramento do batismo. A mãe e o filho estão nus, no vão esquerdo, dentro de uma pia batismal. O miniaturista optou por cobrir os seios da mulher com suas duas mãos voltadas para seu peito. Eles estão sendo batizados a oeste da cena, juntamente com outras duas mulheres que observam o sacramento. O que chama atenção é o vão do centro da imagem em que estão os homens, provavelmente clérigos. Esses homens estão sagrando o batismo e estão localizados entre a pia e a imagem da Virgem Maria. O miniaturista não apenas pôs os personagens masculinos centralizados, sendo que um deles está segurando um livro, provavelmente a bíblia como forma de demonstrar autoridade, mas também evocando

que os papéis relacionados ao sagrado são de competência do masculino.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cantiga 167 não apenas trouxe o tema da conversão, mas aludiu às minorias de forma menos negativa, no sentido que não observamos estigmatizações claras quanto ao comportamento nem ao desenho empregado nas iluminuras.<sup>xviii</sup> A conversão da mãe não apenas lembra o batismo de Jesus, mas também assegura que no futuro a criança será integrada à população cristã, como salienta Scarborough (SCARBOROUGH, 2009, p. 108). Trata-se de uma cantiga em que os mouros, em princípio, são visto positivamente, como detalha Disalvo (DISALVO, 2009, p. 43). O mesmo autor indica que a aproximação doutrinal ente muçulmanos e cristãos indica uma assimilação decorrente da convivência, especialmente se quando se observa o respeito à figura de Maria por parte da mãe na cantiga 167, “... la aceptación de su

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

maternidad virginal, la admiración y el temor reverente por su poder son constantemente rescatados en las Cantigas, lo que redundará en una caracterización positiva de los moros y, en especial, de sus jefes” (DISALVO, 2009, p. 35). Esses pressupostos são mais facilmente observáveis na iconografia no contexto em que a mãe moura se encontra próxima à estátua de Maria e pretende ofertar um boneco de cera ao santuário de Salas. Como já mencionei, encontra resistência de outras mulheres da sua comunidade étnico-religiosa.

Se a cantiga busca representar os muçulmanos como pessoas dóceis, resignadas e abertas à conversão, portanto, com características benéficas e edificadoras, como é possível pensar a intolerância como discurso?

Para mim, o gênero, como categoria analítica, pode fornecer algumas reflexões enquanto um discurso que constrói a imagem de uma mãe moura dócil, que apela aos milagres marianos, tendo como exemplo os cristãos, para ressuscitar seus filhos. Os papéis referentes às atividades vinculadas ao gênero também demonstram que a mulher está mais próxima

ao cuidado com a criança e ao esforço de revivê-lo por meio de um milagre. Para o masculino, os papéis desempenhados são associados ao mundo exterior, como a presença do pai em uma peregrinação, servindo como guia e atravessando o bosque hostil para chegar ao santuário de Salas.

Na última vinheta, para mim a mais representativa, os homens são objeto cercados pelo sagrado, atestada pela presença deles ministrando o batismo para conversão da muçulmana. Para François Garnier, as hierarquizações na iconografia medieval, em geral, são posicionadas da esquerda para direita, considerando, assim, quem está *à direita de* alguém e quem está *à esquerda de* alguém (GARNIER, 1982, p. 89). Horizontalmente, há duas mulheres na entrada da igreja, a mulher sendo batizada com seu filho (convertidos, portanto), os clérigos, ao centro, ministrando o sacramento e, finalmente, Maria em seu altar, no oposto direito, sozinha e acima dos demais. A imagem mariana está isolada em um vão, imponente, com Jesus ao colo. Essa assimetria marca o discurso a respeito da mulher moura e as relações de poder ao

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

inseri-la em uma escala desproporcional, visto que sua posição é de subalternidade e deferência. Não apenas porque a conversão sugeriu uma passividade da mulher, mais ainda, a conversa está envolvida por objetos sagrados cristãos, como a bíblia que um clérigo ostenta, o ícone mariana, a igreja, os ornamentos e a pia batismal.

Já no texto, há claras referências sobre o comportamento da mulher, como o sofrimento pelo filho que acabara de morrer, “... con coita do fillo”. O gênero é visto nessas atribuições a respeito da maternidade, principalmente na ideia de cuidado com a prole e a segurança para manutenção da vida. O discurso se repete quando a moura decide ir a Salas em peregrinação, justificando sua decisão por estar sofrendo muito com a perda da criança, “... que de mia coita se sença.” A cantiga 167 busca, nesse sentido, demonstrar que a personagem mulher não encontra amparo e cooperação em sua própria comunidade, exigindo que, ao ser dócil e obediente aos preceitos cristãos, ela poderia obter o milagre da ressuscitação.

Os discursos sobre intolerância, no contexto da *convivencia*, são deslocados das macro-temáticas, como a situação conflituosa entre os reinos cristãos, os reinos muçulmanos, incluindo Al-Andaluz, expostos no início deste texto, para o cotidiano das relações inter-religiosas. Mas, acredito, que para além do tema da religiosidade, o gênero é um atributo explorado para a construção da mulher muçulmana como mãe, que adquiriu benefícios sobre sua comunidade original ao aceitar as normatizações cristãs e masculinas, não apenas pelo milagre mariano, mas, também, pela conversão.

### BIBLIOGRAFIA

- ALFONSO X O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria**. Madrid: Cátedra, 1988. p. 20.
- \_\_\_\_\_. **Las Siete Partidas**. Madrid: Real Academia de la Historia, 1807. 3 volumes.

INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA  
CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

\_\_\_\_\_. **As Cantigas de Santa Maria**. Walter Mettmann (Ed.). Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1959-1972. 4 volumes.

BENITO DE PEDRO, Ana. Elementos de Reconquista - moras y judías en las Cantigas de Alfonso X. **eHumanista**, n. 12, p. 97-106, 2009.

CHICOTE, Gloria (Org.). **Extraños en la casa - alteridad y representaciones ficcionales en la literatura española - siglos XIII a XVII**. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 2007.

**CORTES DE LOS ANTIGUOS REINOS DE ARAGÓN Y DE VALENCIA Y PRINCIPADO DE CATALUÑA. Cortes de Cataluña - Comprende desde el año 1064 al 1327**. Tomo 1. Madrid: Real Academia de la Historia, 1896.

FILGUEIRA VALVERDE, José. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Cantigas de Santa Maria**. Madrid: Castalia, 1986.

FLORENCIA MENDIZÁBAL, María. Restricciones, privilegios y violencias: algunos aspectos sobre los mudéjares

hispanicos (séculos XII - XV). **Estudios de Historia de España**, n. 9, p. 85-108, 2009.

GARCIA CUADRADO, Amparo. El Códice de las Historias de las Cantigas... imagen y comunicación en el manuscrito miniado. **Miscelánea Medieval Murciana**, Murcia, n. 17, p. 201-241, 1992.

GARCÍA FITZ, Francisco. ¿Una España musulmana, sometida y tributada? **HID**, n. 31, p. 227-248, 2004.

\_\_\_\_\_, Francisco. Alfonso X y sus relaciones con el Emirato granadino: política y guerra. **Alcanate – revista de estudios alfonsí**, n. 6, p. 35-77, 2004-2005.

\_\_\_\_\_, Francisco. La Reconquista: un estado de la cuestión. **Clio y Crimen**, n. 6, p. 142-215, 2009.

GARNIER, François. **Le langage de l'image au Moyen Âge – signification et symbolique**. Paris: Le Léopard d'Ord, 1982.

GERRERO LOVILLO, José. **Las Cantigas – estudio arqueológico de sus miniaturas**. Madrid: Instituto Diego Velásquez, 1949.

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

HINOJOSA MONTALVO, José. Los mudéjares en Aragón y Cataluña en el reinado de Jaime I. In: SARASA, Esteban. **La sociedad en Aragón y Cataluña en el reinado de Jaime I (1213-1276)**. Zaragoza: Institución Fernando el Católico: 2009.

MANN, Vivian B. et alli. **Convivencia: Jews, Muslims, and Christians in Medieval Spain**. Nova York: George Braziller, 1992.

RATCLIFFE, Marjorie. Judíos y musulmanes en las Siete Partidas de Alfonso X In: Congreso Internacional - Alfonso X el Sabio, vida, obra y época, 1, 1989, Madrid, **Atas...** Madrid: Sociedad Española de Estudios Medievales, 1989, p. 237-249.

SALVADOR MARTÍNEZ, H. **La Convivencia en la España del siglo XIII – perspectivas alfonsíes**. Madrid: Polifemo, 2006.

SCARBOROUGH, Connie L. **Alfonso X's Political use of Marian Poetry**. Delaware: Juan de la Costa, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero - uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SMITH, Colin. *Convivencia* in the Estoria de España of Alfonso X, Hispanic Medieval Studies in Honor of Samuel G. Armistead In: Madison, 1992. **Atas...** Madison: Hispanic Seminar of Medieval Studies, 1992, p. 291-301.

UTRILLA UTRILLA, Juan Fernando. Conquista, guerra santa y territorialidad en el reino de Aragón: hacia la construcción de un nuevo orden feudal – 1064 – 1194. In: SARASA SÁNCHEZ, Esteban (Org.). **Las Cinco Villas aragonesas en la Europa de los siglos XII y XIII de la frontera natural a las fronteras políticas y socioeconómicas (foralidad y municipalidad)**. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2007.

### NOTAS

---

<sup>i</sup> As cantigas que mencionam essas minorias no *Códice Rico*, direta ou indiretamente, são: judeus: 3, 4, 6, 12, 25, 27, 34, 85, 89, 107 e 108;



## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

mouros: 28, 46, 95, 99, 124, 165, 167, 169, 181, 183, 185, 186, 192, 205, 215, 227, 229, 264, 271, 277, 323, 328, 329, 344, 345, 348, 358, 359, 374, 379 e 401.

<sup>ii</sup> O termo *Reconquista* foi discutido largamente e sugere ainda diversas ambiguidades conceituais (GARCÍA FITZ, 2009, p. 142-215).

<sup>iii</sup> São muito variados os trabalhos que abordam as minorias nas CSM. Infelizmente, muitos deles não estão disponíveis no Brasil. Elenco aqui os que, de alguma forma, nortearam este trabalho: BAGNY, Albert. *The Jew in the Cantigas of Alfonso X el Sabio*. *Speculum*, n. 46, p. 670-688, 1971; \_\_\_\_\_ *The Figure of the Jew in the Cantigas*. In: KATZ Israel J. e KELLER John E. (orgs). *Studies on the Cantigas de Santa Maria - Art, Music, and Poetry*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1987. SANTIAGO, Olga W. Alfonso el Sabio's Attitude towards Moors and Jews as Revealed in Two of this Works. *Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria*, n. 6, p. 31-41, 1994; RODRIGUEZ BARRAL, Paulino. La Dialéctica - texto-imagen a propósito de la representación del judío en las Cantigas de Santa María de Alfonso X. *Anuario de Estudios Medievales*, vol. 1, n. 37, p. 213-243, 2007; HATTON, V. e MACKAY, A. Anti-Semitism in the Cantigas de Santa Maria. *Bulletin of Hispanic Studies*, n. 61, p. 189-199, 1983; SALVADOR MARTÍNEZ, H. *La convivencia en la España del Siglo XIII – perspectivas alfonsies*. Madrid: Polifemo, 2006; SCARBOROUGH, Connie L. *A Holly Alliance – Alfonso X's political use of marian poetry*. Delaware: Juan de la Cuesta, 2009. MANN, Vivian, GLICK, Thomas F., e DODDS, Jerrilyn. *Convivencia - Jews, Muslims, and Christians in Medieval Spain*. New York: George Braziller, 1992.

<sup>iv</sup> Joan Scott, ao publicar seu texto referência sobre gênero, sinalizou que os conceitos sobre poder existentes tendiam a ser unificadores e centralizadores, preferindo a historiadora norte-americana trabalhar com ideia de poder disperso e individualizado, referindo-se a Michel Foucault; sendo, então, o poder "... entendido como constelações dispersas de

relações desiguais, discursivamente constituídas em "campos de força" sociais" (SCOTT, 1995, p. 86).

<sup>v</sup> "Quem quer que na Virgem confie e lhe roga veementemente, Ela há de valorizar mesmo que seja de outra crença" (ALFONSO X O SÁBIO, 1959-1972, 3. p. 170).

<sup>vi</sup> "Moros son vna manera de gente que creen que Mahomat fue propheta & mandadero de Dios. & porque las obras que fizo no se muestran de grand santidad porque a tan santo estado pudiese llegar por ende la su ley es commo denuesto de Dios" (ALFONSO X O SÁBIO, 1807, p. 676).

<sup>vii</sup> "Desta razão fez santa Maria de Salas um milagre lindo e piedoso, por uma moura de Borja, que tinha um filho que criava muito vigoroso e que morreu, desgraçadamente, de uma forte doença." (ALFONSO X O SÁBIO, 1959-1972, p. 170).

<sup>viii</sup> "*Convivencia* on a daily plane was inevitable and indeed often useful (since the Moors worked hard and had much to teach), but the religious divide was absolute and Alfonso would have failed in his duty if he had tried to pretend otherwise." (SMITH, 1992, p. 300-301).

<sup>ix</sup> "Ela, sofrendo por seu filho, não sabia o que fazer e viu como as cristãs iam a Santa Maria de Salas, e ouviu falar dos milagres que Ela fazia, e teve grande ousadia em confiar na Virgem." (ALFONSO X O SÁBIO, 1959-1972, p. 170).

<sup>x</sup> A ideia de "docilidade das minorias" foi um termo utilizado por Marjorie Ratcliffe em um texto científico que, infelizmente, não tivemos acesso, mas é citado com recorrência quando se trata de estudos comparados alfonsinos, especialmente das *Siete Partidas* (RATCLIFFE, 1989, p. 237-249).

<sup>xi</sup> "E lhe encomendou um menino, e dispões suas oferendas. Porém, as mouras sobre isto ficavam muito descontentes com ela, que lhes disse: Amigas, assim Deus me defenda do mal, creio que minha esperança vencerá vossa contumácia / porque levarei meu filho desta vez a Salas, com

## INTOLERÂNCIA OU CONVIVENCIA? GÊNERO E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS EM UMA CANTIGA DE ALFONSO X, O SÁBIO, GUILHERME ANTUNES JÚNIOR

---

sua imagem de cera, que já tenho comprada, e velarei na igreja da muito bem-aventurada santa Maria e tenho para minha há de se compadecer com minha tristeza.” (ALFONSO X O SÁBIO, 1959-1972, p. 170).

<sup>xii</sup> “Por buenas palabras, e conuenibles predicaciones, deuen trabajar los Christianos de conuertir a los Moros, para fazerles creer la nuestra Fe, e aduzirlos a ella, e non por fuerça, nin de premia.” (ALFONSO X O SÁBIO, 1807, p. 676)

<sup>xiii</sup> “E foi se movimentou e foi logo, que não quis tardar nada, maravilhando as pessoas, e quando chegou a Salas, disse a Virgem: Se tua lei não mente, dá-me meu filho e farei acordo contigo.” (ALFONSO X O SÁBIO, 1959-1972, p. 171).

<sup>xiv</sup> “Et decimos que deben venir los moros entre los cristianos en aquella misma manera que diximos en el titulo ante deste que lo deben facer los judios, guardando su ley et non denostando la nuestra.” (ALFONSO X O SÁBIO, 1807, p. 676).

<sup>xv</sup> “Toda noite inteira velou assim a desgraçada, porém, o que fez a Virgem, a piedosa Rainha? Ressuscitou o filho, e isto foi muito depressa; porque sua grande virtude sobrepõe toda sabedoria.” (ALFONSO X O SÁBIO, p. 1959-1972, p. 171).

<sup>xvi</sup> “Quando viu isto a moura, ficou muito maravilhada, porque havia três dias que havia morrido o filho; e se fez logo cristã, porque viu que se havia o devolvido Santa Maria, a que teve sempre grande referência.” (ALFONSO X O SÁBIO, 1959-1972, p. 171).

<sup>xvii</sup> “La preocupación doctrinal de Alfonso X apunta, pues, a una comparación con las otras religiones con las que convive (...) y no a la erradicación de sus seguidores, con el objetivo de reafirmar la fe cristiana en un contexto cultural de evidente polémica teológico-filosófica” (DISALVO, 2009, p. 39).

---

<sup>xviii</sup> Disalvo analisou as cantigas que trazem aspectos positivos e negativos sobre os mouros nas CSM. Positivos: 46, 95, 165, 167, 181, 205, 329, 344, 358 e 379. Negativos: 28, 99, 124, 169, 183, 186, 227, 229, 264, 271, 277, 323, 345, 348, 359, 374 e 401. Há ainda aquelas que trazem elementos tanto positivos quanto negativos: 186, 215 e 328 (DISALVO, 2009, p. 42-45).

Recebido em: 05/05/2017.

Aprovado em: 25/08/2017.

Publicado em: 28/08/2017.